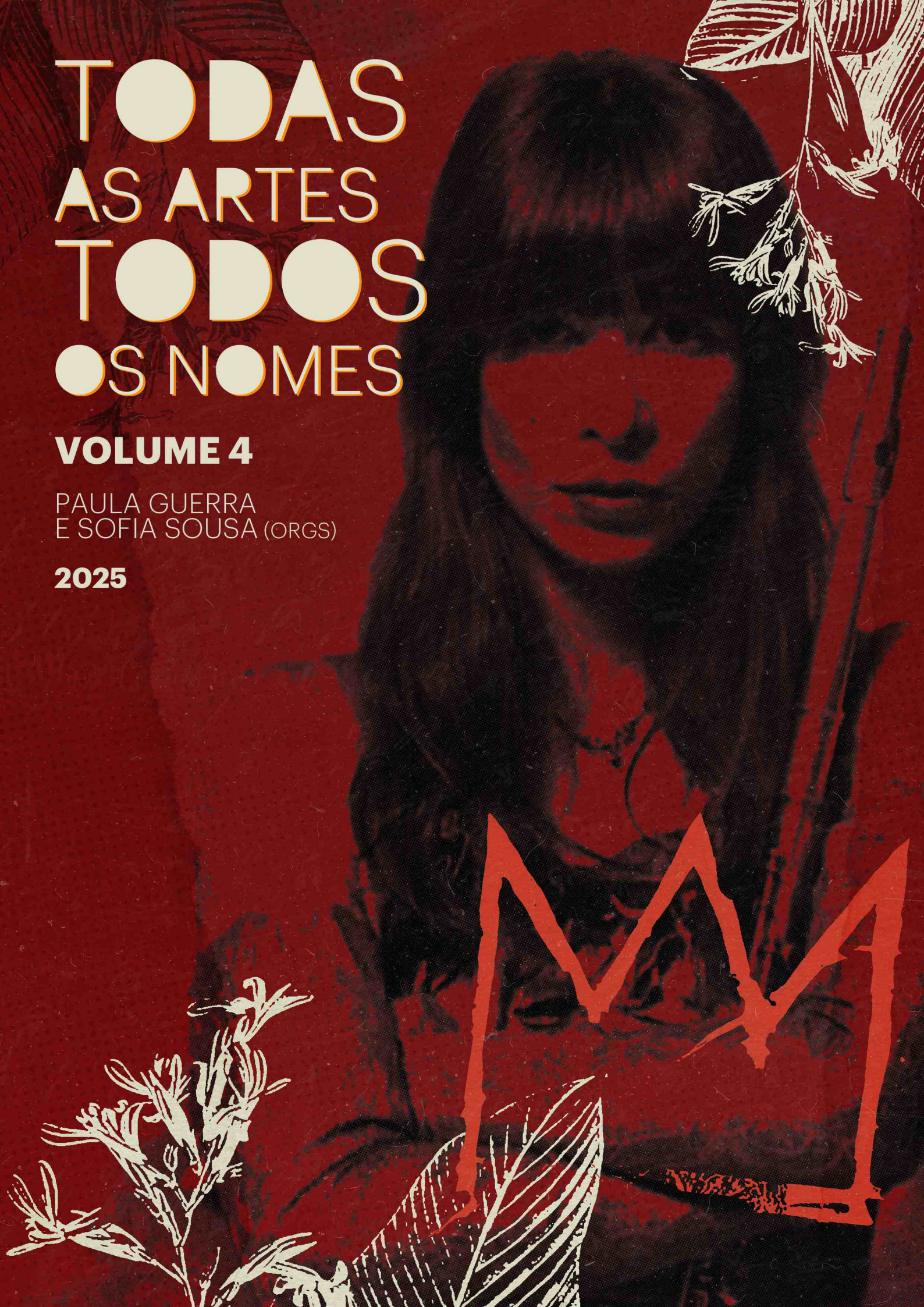


TODAS AS ARTES TODOS OS NOMES

VOLUME 4

PAULA GUERRA
E SOFIA SOUSA (ORGS)

2025





~~Todas as Artes
são os Nomes~~

CAPÍTULO 9



ENTRE PASSOS E PALAVRAS: A ESCRITA DE SI DE CAROLINA MARIA DE JESUS

BETWEEN STEPS AND WORDS: THE WRITING OF THE SELF BY CAROLINA MARIA DE JESUS

Ana Cristina Meneses de Sousa, Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Camilla Giovanna Alves do Nascimento, Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Resumo

Este trabalho é fruto de um projeto de pesquisa do PIBIC (2023-2024) que teve como temática a escrita de si de Carolina Maria de Jesus. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a produção literária da autora, investigando como suas vivências pessoais se conectaram com o contexto pós-colonial brasileiro. Ademais, o estudo também buscou identificar as relações entre as experiências de Carolina de Jesus e as reivindicações sociais emergentes da época, além de refletir sobre as transformações e permanências do pensamento colonial na sociedade brasileira. Metodologicamente, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizando-se de revisão bibliográfica para alcançar seus objetivos. Dessa forma, como resultado da pesquisa, observamos: a elaboração de uma tradição literária marcada pela incorporação de novas experiências e a construção de novas racionalidades frente ao cenário pós-colonial brasileiro.

Palavras-Chave: Carolina Maria de Jesus, escrita de si, literatura negra, pós-colonial.

Abstract

This work is the outcome of a PIBIC research project (2023-2024) centered on Carolina Maria de Jesus's self-writing. The primary aim of the research is to analyze the author's literary output, exploring how her personal experiences intersect with the Brazilian post-colonial context. Additionally, the study seeks to identify connections between Carolina de Jesus's experiences and the social demands of her time, while also reflecting on the changes and continuities of colonial thought within Brazilian society. Methodologically, this research employs a qualitative and exploratory approach, utilizing a bibliographic review to achieve its goals. The research findings highlight: the development of a literary tradition characterized by the integration of new experiences and the formation of new rationalities in response to the Brazilian post-colonial scenario.

Keywords: Carolina Maria de Jesus, self-writing, black literature, post-colonial.



1. Panorama inicial

Atualmente a literatura que tem chamado a atenção dos historiadores, em sua maioria, possui cunho pessoal, biográfico ou autobiográfico, o que aponta para o interesse por parte dos leitores em uma escrita mais íntima, como correspondências e diários (Gomes, 2004, p. 7). Em 1983, a respeito das produções intimistas, foi cunhado o conceito de escrita de si, após o filósofo Michael Foucault escrever o artigo intitulado “A escrita de si”, analisando cartas e cadernos antigos —*hypomnematas*. Em suas análises, o filósofo trabalhou a escrita na perspectiva do adestramento e do cuidado de si, assimilando-a como um exercício da memória ou da consciência (Foucault, 2004, pp. 144-162). A perspectiva de Foucault acerca da escrita de si possibilitou uma série de reflexões sobre a construção da identidade de um sujeito que, ao narrar sobre si mesmo, constrói a sua imagem, dando-se ao outro, atribuindo significados para sua existência. Sousa (2018) relembra que o fazer literário pode estar relacionado com a vontade de ser lembrado, vejamos:

Quando se escreve, move-se o sujeito que, não raro, constrói sua imagem, na vontade de conferir-lhe sentidos, tanto aqueles de ordem emotiva, psíquica, social, cultural, como aqueles de caráter histórico, que seria a vontade de ser lembrado, projetando-se numa trajetória temporal e espacial da memória. (Sousa, 2018, p. 45)

Nessa perspectiva, o exercício da memória é um elemento fundamental quando se trata de construir uma imagem no espaço-tempo, um exemplo desse exercício é observado nas produções da autora Carolina de Jesus, que escreveu centenas de manuscritos que traduziam o seu desejo de se construir e estabelecer enquanto indivíduo, mas também de ser lembrada. A escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus é natural de Sacramento, Minas Gerais, estima-se que seu nascimento tenha ocorrido por volta de 14 de março de

1914, no seio de uma família humilde, assim como outros sujeitos negros da primeira metade do século XX, Carolina de Jesus foi registrada tardiamente. Por essa razão, existem discussões acerca da data de seu nascimento, embora a mais aceita por pesquisadores da área seja a mencionada. Algumas das memórias sobre a infância e a juventude da autora foram reunidas no livro *Diário de Bitita* (1986). Ao transpor para o papel as lembranças da sua meninice, Carolina de Jesus esclareceu aspectos da sua trajetória escolar, a autora conta que frequentou a escola por influência da patroa da mãe, dona Maria Leite, por cerca de dois anos; tal informação é importante, pois a escola é o marco que separa Bitita, apelido familiar de Carolina de Jesus, e Carolina Maria de Jesus^[1].

Na obra, as narrativas da autora transparecem a sua indiferença frente ao ambiente escolar, pois elas versam sobre o seu inicial desinteresse pelos estudos. Ainda que tal desinteresse tenha retardado o processo de alfabetização da autora, cabe dizer que ele não interferiu na sua familiarização com o mundo literário, uma vez que a poesia, por exemplo, sempre esteve presente na vida de Carolina de Jesus por meio da tradição oral, repassada para ela através do seu avô, Benedito (Ferreira, 2023, p. 56).

Ademais, Carolina de Jesus resgatou das suas memórias uma personagem de notável relevância: a professora Lanita Salvina, que a ensinou a ler e a escrever. Após aprender a ler, a jovem Carolina de Jesus não conseguiu mais se desvincular do hábito da leitura, a autora dedicava parte do seu dia à apreciação de livros, transformando esses momentos em fragmentos de tempo recheados de prazer, o que mais tarde culminou no desejo de escrever. Segundo Ferreira (2023), é provável que a primeira experiência de Carolina de Jesus com a escrita tenha acontecido após ela se mudar para o Estado de São Paulo, por volta da década de 1930, quando escreveu um poema de despedida para uma das freiras da Santa Casa que trabalhava. A autora saiu da sua cidade natal rumo a São Paulo no dia 31 de janeiro de 1937, objetivando encontrar melhores condições de vida, em vista que, em Sacramento, ela e a família viviam no campo.

Após a publicação do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), Carolina de Jesus ficou conhecida mundialmente. Em forma de diário, a autora descortinou alguns dos problemas sociais emergentes da segunda metade da década de 1950. Além do quê, a obra assume um papel ainda mais relevante por ter sido escrita a partir do olhar de alguém que era atingida diretamente por tais problemas; mulher, negra e de baixa renda, Carolina de Jesus viveu por mais de uma década na favela do Canindé, em São Paulo, com os seus três filhos, e presenciou a miséria material e humana em que as camadas mais pobres do país estavam imersas.

Atualmente, Carolina de Jesus é considerada uma das autoras de maior expressão da literatura denominada “pós-colonial”. Segundo Inocência Mata (2014), o termo pós-colonial remonta aos anos 1970, mas só foi firmado como conceito e categoria de análise a partir dos anos 1980. Ao longo do tempo, o conceito foi trabalhado por estudiosos, como: Gayatri Spivak (2014), Inocência Mata (2000, 2014) e Homi Bhabha (1998), assumindo múltiplas significações, podendo ser relacionado ao momento em que os subalternizados passaram a reivindicar o seu espaço, criando o que convém chamar de “História narrada de baixo”, ao período posterior ao fim da dominação colonial e às negociações sociais realizadas a partir do contato entre duas culturas dissidentes.



^[1] Bitita não gostava de ler, Carolina Maria de Jesus gostava. Foi no ambiente escolar que Carolina escutou o seu nome pela primeira vez, embora inicialmente insistisse em ser chamada de Bitita.

Dadas algumas das significações em torno do “pós-colonial”, reafirma-se que este trabalho busca se debruçar na literatura produzida pela escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus para, a partir das suas produções, analisar as mudanças e permanências do pensamento colonial na sociedade brasileira, tendo como ponto de partida a escrita de si (autorreferencial) desenvolvida pela autora, que tem a sua construção atrelada às questões de gênero, raça-cor e classe, perpassando pelas problemáticas e reivindicações que emergiam no período, como: a busca por participação política, as tentativas de romper com os ciclos de silenciamento das camadas menos favorecidas do país e a necessidade de se expandir enquanto indivíduo^[2].

2. O estigma da fome e a obra *Quarto de Despejo*

Frequentemente a imagem de Carolina de Jesus é associada ao estigma da fome, tal associação justifica-se pela frequência com que a autora aborda o tema nos seus textos, sobretudo em *Quarto de Despejo* (1960). O cenário político retratado na obra abrange os anos de 1955, 1958 e 1959, períodos em que foram registradas baixas produções no setor de alimentos-bases. Segundo Faro e Silva (2002), diferente da produção cafeeira que, desde a segunda metade da década de 1950 ocupava posição de destaque no setor agrícola, as lavouras de gêneros alimentícios de primeira necessidade eram caracterizadas pelas baixas produções, como resultado a população sofria com a elevação dos preços e uma nutrição insuficiente.

A alta nos preços é um assunto constata nas narrativas de Carolina de Jesus, o olhar atento da autora a permitiu formular um paralelo entre a falta de alimento na mesa dos brasileiros e a má governança política do país, que se caracterizava por grandes proporções de terras sem plantio e preços exorbitantes. Acerca do custo de vida na segunda metade da década de 1950, observemos o relato de cinco de novembro de 1958: “Fui fazer compras no japonês. Comprei um quilo e meio de feijão, 2 de arroz e meio de açúcar, 1 sabão. Mandeí somar. 100 cruzeiros. O açúcar aumentou. A palavra da moda, agora, é aumentou. Aumentou!” (Jesus, 2014, p. 134).



^[2] Analisando as produções da autora é possível observar que a sua escrita era um hábito noturno. Os relatos reunidos nos diários de Carolina de Jesus apresentam um itinerário do seu dia a dia, que quase sempre se repete, contribuindo para o entendimento de que os textos da escritora vão além da performance literária, pois eles versam sobre a monotonia da vida de uma mulher comum. Além do quê, é interessante salientar que os manuscritos carolineanos denunciam pressa; com letras arredondadas e rabiscadas, a autora costurou retalhos de discursos alheios que, reunidos com a sua percepção do mundo, formou uma amálgama que rompeu com o silêncio imposto às camadas menos favorecidas do Brasil. Embora, por vezes, ao buscar as suas memórias, a autora se perdesse no espaço-tempo, as suas falas esboçam lucidez; a clareza e a seriedade que Carolina de Jesus trouxe para as questões levantadas em seus textos embriagam o leitor, tornando palpável a realidade da sociedade brasileira na ocasião da sua escrita.

Nesse ínterim, é interessante salientar que o contexto de escrita e publicação da primeira obra da autora estava inserido no período que ficou conhecido como “anos dourados”, ao longo do governo do Presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961). O governo JK foi baseado no otimismo progressista do governante, assim como no Plano de Metas desenvolvido durante o seu mandato e no seu *slogan* de campanha “50 anos em 5”. Contudo, é pertinente apontar que, embora o projeto desenvolvimentista de JK tenha contribuído para consolidar a indústria brasileira, ele não teve como uma das preocupações de governo a estabilização monetária.

Dessa forma, ainda que o Plano de Metas previsse investimentos no setor de alimentação, as flutuações nos preços tornavam o poder de compra da população baixo, contribuindo para a persistência da fome no país. Assim, é possível afirmar que a onda desenvolvimentista perpetrada ao longo do governo de JK teve como consequência a subalternização dos sujeitos mais pobres, pois se camuflava nas periferias do Brasil o custo social do seu projeto político. Vejamos:

05 de novembro, 1958

Comecei a sentir fome. E quem está com fome não dorme.

Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalém: “Não chores por mim. Choraie por vós” — suas palavras profetizava o governo do senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome (Jesus, 2014, p. 134).

Juscelino Kubitschek intencionava desenvolver o Brasil sem considerar os efeitos de um processo de industrialização acelerado em um país subdesenvolvido. Assim, o projeto político do governante resultou na exposição da pobreza que parte considerável da população brasileira estava imersa. Na segunda metade da década de 1950 e primeira metade de 1960, o Brasil vivenciava o que se convencionou chamar de “anos dourados”, que fazia alusão ao ouro e a uma série transformações sociais, industriais e econômicas que se passavam no país.

Dessa forma, ainda que a fome e o alto custo de vida inquietasse a população brasileira em alguns momentos, o otimismo e o poder de persuasão do Presidente mantinham o equilíbrio da nação, que se dividia entre o medo e a esperança. Nesse sentido, a obra *Quarto de Despejo* (1960) entra no cenário político dos anos dourados desequilibrando as forças que sustentavam a estabilidade da administração de JK, pois, ao levantar questões sociais importantes, Carolina de Jesus substituiu o amarelo do ouro pelo amarelo da fome, que melhor se adequava aos anos dourados.

Diante do exposto, reforça-se a importância de se pensar a fome não enquanto um estigma inerente à figura da escritora, mas enquanto uma condição imposta pela política da época que fazia com a que população mais pobre do país não tivesse acesso a uma alimentação digna, buscando refletir sobre Carolina de Jesus como uma cidadã brasileira diretamente afetada por tais problemas e membro ativo na luta política por melhores condições de vida da população, pois, na ocasião da sua publicação, a obra *Quarto de Despejo* assume um valor literário e político.

3. (Re)escrevendo o amor: afeto na escrita de Carolina de Jesus

A escravidão deixou máculas na sociedade brasileira que persistem nos dias atuais, o preconceito racial e a opressão perpetrada contra os negros escravizados no país atravessaram o espaço temporal e histórico, invadindo a trajetória de vida de muitos sujeitos, a exemplo de Carolina de Jesus. O sistema de dominação escravocrata, além de privar os negros da própria liberdade e dignidade, contribuiu para distorcer a concepção de amor, causando no interior do indivíduo que ama o sentimento de vulnerabilidade, tornando o afeto um artigo de luxo e, ao mesmo tempo, um ato de insubordinação.

Segundo Gilberto Freyre (2003), o modelo de família apresentado ao negro no Brasil escravocrata era formulado na casa-grande por meio do contato dos escravizados com a família, tendo como maior expressão a figura das mucamas, amas de mamar e irmãos de brincar. Havia a ideia de que, ao adentrar no íntimo da casa-grande, muitos escravizados saíam da condição de servos e passavam a integrar a família, mas tal concepção não se sustenta, uma vez que o papel desses sujeitos ainda se restringia à satisfação das vontades dos senhores. Ainda que o matrimônio entre os negros escravizados não tenha sido proibido durante o sistema de dominação escravocrata, a relação familiar era dificultada pela ausência da esposa ou do marido no lar, em vista das longas jornadas de trabalho a que eram submetidos ou, em outros casos, pela retirada das crianças do seio da família ainda durante a infância. As crianças que nasciam de ventre escravo pertenciam ao senhor de engenho, a ideia de posse só passou a ser gradativamente abandonada após a vigência da Lei do Ventre Livre, em 1871. Segundo bell hooks (2010), testemunhar a venda dos filhos, dos amantes e dos amigos provocou nos negros uma dificuldade para amar, fazendo com que eles aprendessem a reprimir as próprias emoções, uma vez que manter uma relação de amor no contexto escravocrata poderia dificultar a sobrevivência. Vejamos:

Depoimentos de escravos revelam que sua sobrevivência estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções. Num documento datado em 1845, Frederick Douglass^[3] lembra que foi incapaz de se sensibilizar com a morte de sua mãe, por ter sido impedido de manter contato com ela. A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros — o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome — fez com que se mostrassem solidários entre eles somente em situações de extrema necessidade. E tinham boas razões para imaginar que, caso contrário, seriam punidos (hooks, 2010, s/p).

 ^[3] Abolicionista e escritor estadunidense.

Em vista disso, após a abolição da escravidão, a população negra continuou a nutrir relações onde o afeto era reprimido, favorecendo a criação de relações baseadas na luta pela sobrevivência e fazendo do verbo “amar” sinônimo de propiciar as condições mínimas de sobrevivência ao outro, como: alimentação, moradia e educação. Em tese, alimentou-se na mentalidade do negro a ideia de que o amor seria o responsável por impedir que alguém ascendesse social e economicamente, pois o sentimento impediria que o sujeito lidasse com questões mais importantes. No contexto pós-colonial, a capacidade de demonstrar afeto é percebida como um ato de insubordinação às extensões das velhas concepções colonialistas que objetificavam o negro. Nessa perspectiva, as narrativas de Carolina de Jesus trazem resquícios dessas tentativas de (re)escrever o amor. A autora gestou e cuidou de três filhos sozinha e, ainda que tenha se envolvido em relações amorosas, o amor romântico não era uma prioridade, uma vez que Carolina de Jesus alimentava e priorizava o desejo de se tornar escritora, objetivando tornar a sua literatura conhecida e angariar melhores condições de vida.

A autora procurou construir para si a imagem de uma mulher autossuficiente, embora muitas vezes caísse nas próprias armadilhas, deixando transparecer as dificuldades que uma mulher sozinha enfrentava, sobretudo no que se refere à maternidade. Entretanto, é interessante salientar que Carolina de Jesus alimentou com notável sinceridade o amor maternal. Ainda que não tenha nascido em uma família amorosa, a escritora procurou ter momentos de trocas afetivas com os filhos, como uma tentativa de romper com ciclos ancestrais de ausência de afeto.

Apesar de sua mãe, dona Cota, ter sido dedicada, ela não se inclinava a momentos de carinho e diálogo com a filha, chegando a agredi-la quando se aborrecia, conforme é possível observar no relato da autora: “Implorava a minha mãe para não ir à escola, pois eu não queria aprender leitura. Ela ouvia-me, espancava-me e eu ia contra a minha vontade” (Jesus, 2018, p. 19). Analisando os relatos de Carolina de Jesus, é possível sugerir que, embora dona Cota não tenha sido muito afetiva com a autora, ela desempenhou um papel fundamental na forma com que esta viria a enxergar o mundo, visto que, em suas produções, a escritora atribuiu à mãe o olhar amoroso que dedicou aos mais humildes.

Diante disso, ao constituir a própria família, Carolina de Jesus procurou se desvincular das experiências que acumulou durante a infância e estimular a criação de novos hábitos, buscando se aproximar do sentimentalismo e tornar visível o afeto que sentia pelos três filhos. Nessa perspectiva, a autora se distanciou da concepção de amor enquanto “ajudar o outro a sobreviver”, dando as condições mínimas e necessárias para mantê-los vivos, e dançou, cantou e chorou junto aos seus, revelando o seu lado humano, que ansiava por dar e receber afeto, transgredindo o modelo de relação familiar que teve acesso. Observemos alguns fragmentos que comprovam:



20 de maio, 1958

O dia vinha surgindo quando deixei o leito. A Vera despertou e cantou. E convidou-me para cantar. Cantamos. O João e o José tomaram parte (Jesus, 2014, p. 37).

06 de maio, 1960

Preparei o almoço: arroz, feijão, bife milanês e salada. O João gostou da comida e gritou:

— Viva Dona Carolina!

Sorri. Ele olhou-me por longo tempo e disse-me:

— Por estes dias temos comida e a senhora não precisa chorar (Jesus, 1961, p. 16).

Os fragmentos destacados acima são exemplos das trocas que Carolina de Jesus estabelecia no ambiente familiar. Todavia, eles também expõem a figura de uma mãe que partilhou momentos de alegria com os filhos, mas que também chorou ao lado deles, trazendo à tona o sentimentalismo que por muito tempo foi negado à população negra.

Dessa forma, ainda que Carolina de Jesus tenha se abnegado do amor romântico é possível supor que ela procurou suprir a sua demanda de afeto através dos filhos, pois percebeu impacto positivo que o afeto causa na construção do caráter dos sujeitos, que ao se sentirem acolhidos e seguros, buscam percorrer novos caminhos, rompendo barreiras de privações emocionais, sociais e econômicas.

4. Cruzamento de histórias, nascimento de identidades

A escrita de si está ligada ao exercício da narração das vivências de um sujeito, as produções que a envolvem são elaboradas por meio de uma série de simbolismos e mediações que envolvem a política e a organização social de uma época, contribuindo para desvelar o modo de funcionamento de determinadas sociedades no curso da história. Nas produções de si, o jogo narrativo assume duplo papel, utilizando-se tanto da história fictícia quanto da história vivida para fornecer sentido a sua trama. Assim, é importante pontuar que, mesmo nas narrativas que buscam se distanciar da interioridade e mergulhar no oceano criativo da ficção, o fenômeno é observado, pois a separação entre sujeito e interioridade não é possível.

Tal dificuldade de se distanciar da interioridade no processo de produção literária é observada nas obras de Carolina de Jesus, como exemplo, cita-se a obra *Meu sonho é escrever* (2018), que na repartição intitulada “Humorismos”, dispõe de um texto que narra sobre o encontro inusitado entre um homem negro e um grupo de indígenas, estes acreditavam que a cor preta era sujeira, então esfregaram o homem com uma pedra, em uma tentativa de clareá-lo, com isso, ele ficou em carne viva. Em vista disso, a autora acrescenta: “Ou de um jeito, ou de outro, o preto sempre encontra obstáculos na vida” (Jesus, 2018, p. 94).

Carolina de Jesus nasceu cerca de vinte e seis anos após a abolição da escravatura no Brasil e até a sua morte, em 1977, o preconceito racial foi um elemento de notável presença na sociedade brasileira; sabendo disso, é possível refletir sobre a história do homem negro e dos indígenas enquanto uma narrativa que con(funde) a experiência do homem negro e a da própria autora, pois ao escrever que os “índios” confundiram a cor daquele com sujeira, supõe-se que a autora esteja fazendo alusão à forma que o negro era visto na sua época uma vez que, no entendimento popular, a palavra “sujo” pode estar relacionada ao caráter de um sujeito, aproximando-se de adjetivos como: desonesto, impuro e desleal.

A narrativa elaborada pela autora expôs, intencionalmente ou não, o preconceito racial em que o país estava imerso. Ademais, considerando a utilização da escrita de si como um instrumento que favorece a construção da identidade de um sujeito, a leitura dos textos de Carolina de Jesus permite a apreensão de uma diversidade de identidades que foram construídas pela autora, que estão em constante contato com a sua busca por se estabelecer enquanto cidadã brasileira (pobre, mulher e negra) e sujeito (indivíduo).

5. Considerações finais

Diante das análises e reflexões realizadas ao longo do projeto, percebemos que o pós-colonial não deve ser associado apenas ao período posterior ao fim da dominação colonial, considerando a significação contida no prefixo “pós”, mas que ele deve ser pensado em suas diversas acepções. Destarte, no que se refere ao manejo das fontes literárias aqui estudadas, priorizou-se o olhar multifacetado diante do conceito, visando expandir a margem de compreensão das obras de Carolina de Jesus, bem como do contexto de criação e circulação dos textos da autora. Nessa perspectiva, as produções analisadas trouxeram à tona um Brasil socialmente fragilizado, em que as relações traçadas entre as camadas mais ricas e mais pobres se davam de forma hierarquizada. Ademais, a omissão do Estado perante as desigualdades perpetradas no país alimenta o entendimento de que ele era beneficiado pela miséria de milhares de cidadãos brasileiros.

Diante da negligência do Estado, a população mais pobre passou a reivindicar melhores condições de vida, o que levou a uma eclosão de manifestações populares no Brasil. Tais movimentos foram favorecidos pela literatura, uma vez que muitos sujeitos passaram a elaborar escritas-denúncias, fazendo da escrita um instrumento político^[4]. Dessa forma, é interessante pontuar que a escrita desenvolvida por Carolina de Jesus faz parte do rol de manifestações populares possibilitadas por esse cenário; a autora aproveitou o seu espaço para levantar discussões que perpassavam questões políticas (ineficiência do serviço público), econômicas (alto custo de vida) e sociais (preconceito racial). A multiplicidade de discussões levantadas pela autora abre espaço para diferentes análises e reforça a importância de se repensar a forma com que as suas produções vêm sendo trabalhadas, bem como pontua a necessidade de dirigir a elas novos olhares. Apoiando-se nisso, esta pesquisa buscou trabalhar as obras de Carolina de Jesus se apegando não à situação de miséria a que a autora foi submetida, mas à sua condição de sujeito, visando desvelar a sua subjetividade e humanizar a leitura dos seus textos.



^[4] A literatura permite a inserção de pessoas comuns nas discussões políticas de um país, sendo um dos meios menos burocráticos de participação política.

Em vista disso, após a análise das obras *Quarto de Despejo* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961), *Diário de Bitita* (1986) e *Meu Sonho é Escrever* (2018), constatou-se a existência de três eixos pouco explorados nas produções carolineanas: a fome para além do estigma da miséria que foi associada à autora, uma vez que, a miséria retratada na obra *Quarto de Despejo* é um reflexo do cenário político brasileiro, não uma condição inerente e exclusiva à vida da autora^[5]; a busca pelo afeto, tomando como base as dificuldades que a população negra encontrou para amar após o fim do regime escravocrata; e a escrita como um instrumento que deu à Carolina de Jesus a possibilidade de se inventar e re(inventar) enquanto indivíduo, considerando que a identidade da autora foi formada a partir do cruzamento de diferentes pessoas, histórias e experiências

Diante do exposto, a literatura produzida por Carolina de Jesus pode ser utilizada como um instrumento que possibilita a compreensão de uma época, pois as produções da autora permitem a visualização dos costumes e crenças que regem a sociedade brasileira no contexto da pós-colonialidade. Além do quê, a escrita elaborada por Carolina de Jesus pode ser apreendida como propulsora de uma tradição literária marcada pela diferença, apontando para a construção de novas racionalidades. Em síntese, o pós-colonial brasileiro foi um período marcado pela resistência aos novos modelos de opressão por parte das camadas mais pobres da sociedade, bem como ao preconceito racial que reduzia a população afro-brasileira a uma condição subalternizada. A escrita de si, sobretudo de Carolina de Jesus, surgiu nesse contexto como uma forma de negociar a ordem vigente que se baseava no beneficiamento de uns em detrimento de outros.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) pelo suporte dado a esta pesquisa, bem como ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da referida instituição. Aproveitamos a oportunidade para demonstrar a nossa gratidão à pesquisadora Raffaella Fernandez e ao Grupo de Estudos Contracoloniais Carolina Maria de Jesus pelas trocas. Por fim, agradecemos Carolina Maria de Jesus pelas memórias e ensinamentos deixados. Viva, Dona Carolina!

Financiamento

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Referências Bibliográficas

Bhabha, H. K. (1998). *O local da cultura*. Editora UFMG.

Faro, C., & Silva, S. (2002). A década de 1950 e o Programa de Metas. In A. C. Gomes

 ^[5] A produção e publicação da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) aconteceu em meio a uma série de mudanças políticas no Brasil, que impactavam diretamente no custo de vida da população, fazendo com que faltasse comida na mesa de muitos cidadãos brasileiros.

(Org.). O Brasil de JK (pp. 67–105). Editora FGV.

Ferreira, A. (2023). A poética quilombola de Carolina Maria de Jesus: Afeto, palavra e transgressão. In G. Pereira (Org.). Carolina Maria de Jesus: Uma questão autoral (pp. 51–89). Pontes Editores.

Foucault, M. (2004). A escrita de si. In M. Foucault, Ética, sexualidade e política (pp. 144–162). Forense Universitária.

Freyre, G. (2003). Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal (48ª ed.). Global.

Gomes, A. C. (2004). Escrita de si, escrita da história: A título de prólogo. In A. C. Gomes (Org.). Escrita de si, escrita da história. Editora FGV.

hooks, b. (2010, março 9). Vivendo de amor (M. Mendonça, Trad.). Portal Geledés: Instituto da Mulher Negra. <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>

Jesus, C. M. (1961). Casa de alvenaria: Diário de uma ex-favelada. Editora Paulo de Azevedo Ltda.

Jesus, C. M. (1986). Diário de Bitita. Nova Fronteira.

Jesus, C. M. (2014). Quarto de despejo: Diário de uma favelada (10ª ed.). Ática.

Jesus, C. M. (2018). Meu sonho é escrever. Ciclo Contínuo Editorial.

Mata, I. (2000, outubro 26–29). O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. In Anais do X Congresso Internacional da ALADAA: Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.

Mata, I. (2014). Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas. Civitas: Revista de Ciências Sociais, 14(1), 27–42.

Sousa, A. C. M. (2018). A escrita de si, intelectualidade e distinção em A. Tito Filho. Academia Piauiense de Letras.

Ana Cristina Meneses de Sousa, Universidade Estadual do Piauí, Brasil

E-mail: anacristina@cchl.uespi.br



Camilla Giovanna Alves do Nascimento, Universidade Estadual do Piauí, Brasil

E-mail: camillanascimento@aluno.uespi.br







